

Instituto Sedes Sapientiae

Curso de Pedagogia Simbólica Junguiana

1º Ano

Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas

3º Ano

Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana

6º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo da 27ª Aula: 15.10.2015

Boa noite a todos. Hoje é a nossa 27ª aula e continuaremos a estudar a relação normal e patológica dentro da dimensão simbólica, desta vez centralizada no símbolo do vampíro e na defesa sadomasoquista. Filme ilustrativo: *Nosferatu*, direção de Werner Herzog.

Como tudo em sua obra, nós sabemos que Freud também reduziu a defesa sadomasoquista à sexualidade. Nesta perspectiva simbólica e arquetípica, porém, isto não é assim, porque **considero a sexualidade apenas uma função estruturante entre inúmeras outras**, apesar de ser ela de grande importância. Todas as demais, como a inveja, o ciúme, a ternura, a agressividade, o poder, a competição, a ambição, a respiração, a dignidade e tantas outras também são funções estruturantes, todas primárias e arquetípicas. **Qualquer uma delas pode fazer parte da defesa sadomasoquista.**

Devido à sua abrangência, a função estruturante da sexualidade atua dentro da defesa sadomasoquista com frequência, mas o mesmo acontece com a função estruturante do poder e com outras funções. Quando se trata da dominância da função sexual ou da função do poder, ou da inveja, ou do ciúme, a defesa sadomasoquista possui características muito diferentes em cada caso, mas em todas as funções ela tem características sombrias, patológicas, baseadas na complementaridade defensiva entre o Ego e o não-Ego, isto é, o Outro, pois um pode ser masoquista e o outro sádico. No entanto, um polo sempre tem em potencial aquilo que está no outro polo e, por isso, a qualquer momento, o polo sádico pode se transformar no polo masoquista e vice-versa, por uma enanciodromia (corrida para o oposto).

O envolvimento complementar patológico entre os polos da polaridade básica Ego-Outro é sempre matizado por uma participação desigual para vivenciar o relacionamento. Numa situação, um polo pode ser agente da sensualidade e o outro, reagente (sadomasoquismo sexual). Em outra, um polo pode ser dominante pela autoridade e o outro, dominado (sadomasoquismo de poder). Podemos ter situações nas quais um polo exerce a perversão e o outro, a sofre (sadomasoquismo perverso). Em outros ainda, um polo pode exercer o ciúme patológico e o outro sofrer o resultado dessa ação (sadomasoquismo do ciúme patológico). Encontramos também essa polaridade patológica na relação professor-aluno, na qual o professor pode humilhar cronicamente o aluno e este, se submeter (sadomasoquismo pedagógico) e nos casos de *bullying*, nos quais um aluno é o sádico e o outro o masoquista.

Vamos encontrar essa defesa também no casamento, quando um cônjuge maltrata o outro dentro de uma compulsão de repetição e o outro se submete (sadomasoquismo conjugal). Ela também é comum na relação patológica entre irmãos ou amigos íntimos (sadomasoquismo fraternal ou de simbiose amistosa patológica).

Ele ocorre também nas profissões de ajuda, quando o terapeuta abusa, explora, se aproveita de alguma maneira e o paciente se submete, por sofrer de dependência patológica. Tenho visto essa defesa implantar-se em casos de psico ou farmacoterapia em muitos casos médicos não psiquiátricos, nos quais o paciente passa anos defensivamente apegado ao terapeuta, sem apresentar melhora significativa (sadomasoquismo terapêutico).

Este conceito tão abrangente da defesa sadomasoquista não foi formulado para favorecer o redutivismo defensivo, que facilita a compreensão, mas restringe a realidade psíquica, e sim para permitir que se perceba a **complementaridade** defensiva de inúmeras funções estruturantes simbióticas na relação Ego-Outro, quando ocorre **inadequação, fixação, defesa, compulsão de repetição e resistência defensiva em qualquer relacionamento psíquico que se torne patológico.**

É claro que, como nas outras defesas, a defesa sadomasoquista também pode ocorrer em qualquer uma das quatro estratégias psicopatológicas, quais sejam: neurótica, psicopática, *borderline* ou psicótica, apesar dela ser mais comum na defesa psicopática.

O símbolo do vampiro, central no drama de Nosferatu, que veremos hoje, é profundo, abrangente e muito expressivo para representar a fixação durante o processo de elaboração simbólica.

Fui ver o primeiro filme de vampiro da série Crepúsculo, que está fazendo tanto sucesso entre os jovens, para compreender o interesse que ele vem despertando. Percebi que o romantismo do filme ocorre quando a jovem, paradoxalmente, quer que o rapaz vampiro a ataque, enquanto que ele resiste para não transformá-la em vampiro. Sem dúvida, a grande novidade desse símbolo do vampiro na modernidade, é a expressão da mulher ativa e francamente assumida no polo masoquista.

Chama muito a atenção a atração de muitas mulheres por criminosos condenados à prisão perpétua ou até à pena de morte. Elas estabelecem relações com eles que podem durar muitos anos. A novidade é que a expressão assumida e visível do polo masoquista até hoje havia sido disfarçada e oculta.

Devido às defesas, a pessoa não tem contato com os símbolos e funções estruturantes que estão conscientes e inconscientes na sua própria Sombra. No entanto, eles lhe fazem falta para sua individuação. Uma das maneiras de ir buscá-los é por meio da projeção destes símbolos em outra pessoa. No entanto, as defesas englobam a projeção que, por isso, se torna também defensiva e sadomasoquista. Contudo, essa simbiose patológica é um caminho para procurar a saída da fixação pelo relacionamento e encontrar a salvação por intermédio da função estruturante afetiva, desde que seja elaborada e resgatada.

O assassino Raskolnikov, no livro *Crime e Castigo*, de Dostoiewski, é condenado a 8 anos de prisão na Sibéria. Sua noiva Sonia o acompanha e vai trabalhar perto da prisão. Sua dedicação é de tal ordem que o coração do criminoso vai aos poucos se abrindo para o amor. Ocorre assim o resgate da função afetiva que estava aprisionada no sadismo agressivo psicopático que o havia conduzido para o assassinato.

A lenda de Nosferatu refere-se ao Conde Drácula, que teria sido o príncipe Vlades da Transilvânia. Ele lutou contra os turcos e empalava seus inimigos. Uma variante da lenda conta que a noiva do príncipe foi morta na luta contra os invasores e, por isso, ele se vingava daquela maneira. Neste caso, a figura do Conde Drácula representaria o Príncipe que não podia morrer por não ter elaborado o luto da perda do amor.

Aqui entramos na problemática da morte durante o desenvolvimento para nos perguntarmos o que significa **não poder morrer como um sintoma da fixação e de defesa**. A explicação é que a morte faz parte do Arquétipo da Vida e da Morte que opera em todas as transformações do processo existencial. Para algo nascer, a etapa anterior tem que morrer, caso contrário, a morte se torna fixada dentro de um morto-vivo.

Sabemos que Sabina Spielrein foi paciente (1904) e depois se tornou um caso de amor extraconjugal de Jung (1906). Ela era tão inteligente e profunda que, ao sair da internação por uma psicose grave de dominância matriarcal (psicose histérica), foi estudar medicina e se tornou uma psiquiatra brilhante.

Em 1912, Sabina escreveu um artigo intitulado “A Destruição como Causa da Transformação”. Nesse artigo, ela postula que a morte e a destruição fazem parte do processo de desenvolvimento normal.

Esta ideia de Sabina sobre a morte como parte da vida foi importante para as obras de Freud e de Jung. Freud a situou dentro da posição polarizada patriarcal, que permeia grande parte de sua obra. Assim, para ele, o Instinto de Vida é antagônico ao Instinto de Morte (*Além do Princípio do Prazer*).

Jung, no seu livro *Símbolos das Transformações* (1912), dentro da posição dialética de alteridade que permeia boa parte de sua obra, descreveu o sacrifício e a morte simbólica arquetipicamente como parte do processo de individuação.

Na Psicologia Simbólica Junguiana, o Arquétipo da Vida e da Morte faz parte do Arquétipo Central e de toda elaboração simbólica, pois para um símbolo ser elaborado, a parte estruturada da Consciência deve morrer de forma que seus significados renasçam transformados. Dessa maneira, a **função sacrificial** precisa ser percebida como inerente à elaboração simbólica, pois ela **atua junto com o Arquétipo da Vida e da Morte** (Byington, *O Arquétipo da Vida e da Morte*, 1996).

Desde o início da vida, a função sacrificial e o Arquétipo da Morte já começam a operar. O objeto de transição, descrito por Winnikott, como o paninho, o ursinho ou a própria chupeta, é substituto do seio. A dentição praticamente invalida a alimentação pelo seio, que deve ser sacrificada e morrer em função do crescimento da dieta para além do leite materno. É um ganho que transcende o seio e o leite, que são sacrificados para que a vida cresça de maneira mais poderosa e abrangente. Na etapa seguinte é com satisfação e orgulho que a criança empunhará a colher para comandar a sua alimentação!

Que prazer existe quando a criança dorme! A função estruturante do sono repousante é um dos grandes prazeres da vida. Quanta sensualidade matriarcal há nele! Mas, para viver mais é preciso acordar e levantar. A criança tem de correr, de expressar sua vitalidade ao brincar de pega-pega. No entanto, para desfrutar dessa vitalidade é preciso sacrificar, deixar morrer e desapegar do colo quentinho e aconchegante. **Jean**

Piaget se refere à morte do velho para receber o novo, na pedagogia, como desconstrução do que é aprendido para se construir o novo saber.

O exemplo dado por Sabina Spielrein no seu artigo é muito ilustrativo. Ela argumenta que, **quando o gameta masculino (espermatozóide) e feminino (óvulo) se unem para formar o ovo (zigoto) e criar a vida do novo Ser, eles morrem.** Nada mais significativo para representar a relação normal dialética e inseparável da polaridade Vida e Morte, interpretada pela função estruturante do sacrifício. Quando sofremos fixações graves na elaboração simbólica, a morte passa a fazer parte da Sombra e a nos perseguir com o símbolo do morto-vivo, o Nosferatu.

A vida é um grande drama que ocorre dentro da luta entre o Bem e o Mal. Tudo começa com o Arquétipo Central coordenando a diferenciação do Ego da unidade primordial (Margaret Mahler, 1975). Posteriormente o Arquétipo Central orienta o pedreiro (funções estruturantes) para continuar sua obra erguendo as paredes que formam a casa do Self. Ele o faz, mas quando houver defeitos na obra (fixações), as paredes apresentarão pedras no meio de tijolos. Quando mais tarde, o vento das emoções soprar forte durante a individuação, as paredes apresentarão trincas onde estão as pedras. Será necessário que o pedreiro volte (regressão) para reforçá-las. **É a re-elaboração e o resgate das fixações e da Sombra pelo processo de regressão tão bem descrito na psicanálise.**

O sofrimento das fixações é devido tanto a queimaduras nas mãos do pedreiro (subjetivo), quando os tijolos viram pedras, quanto à falta de flexibilidade das paredes que contém as pedras (objetivo). Uma das características das fixações é a falta do jogo de cintura da personalidade que se expressa na inadequação da conduta.

As fixações levam à deformação das funções estruturantes, que se transformam em defesas e sintomas, que expressam a Sombra e o Mal e podem atuar destrutivamente.

A Sombra é um arquétipo que expressa nossa capacidade de conviver e atuar as fixações do Arquétipo da Vida e da Morte! **As fixações representam símbolos que não morreram para se transformar e, por isso, se tornaram fantasmas e mortos vivos que nos acompanham na doença mental.** Os Pais de Santo, os médiuns e os terapeutas com intuição e mediunidade, são capazes de perceber essas fixações nas pessoas. Muitos destes chamam estas fixações de “encosto” ou de “espírito obsessivo”.

A lenda de Drácula representa, com Nosferatu, esse complexo que só morre com a luz do Sol, com a elaboração consciente. Do contrário, vive fixado no inconsciente, no

mundo das trevas. O vampiro, como todas as defesas, alimenta-se de sangue, ou seja, da energia das pessoas, para sobreviver na compulsão de repetição. Nesta defesa sadomasoquista, além da estratégia neurótica, percebe-se também a defesa psicopática, porque a Sombra se apodera também da função volitiva para atuar a patologia.

Não há dúvida que Nosferatu planejava dolosamente seus ataques à noite e se cuidava atentamente para esconder-se antes do nascer do Sol. Na fixação, o símbolo nem vive plenamente, nem morre. Nosferatu contamina Jonathan ao beber o seu sangue, necessário para sua viagem além-mar. Sua finalidade é chegar aos Países Baixos, onde vive Lucy, a linda esposa de Jonathan e sua vítima almejada, símbolo do amor perdido que gerou sua fixação e sua maldição. A jovem sente prenúncios em seus sonhos do seu encontro com Nosferatu, pois é ela que o salvará, com a morte dele gerada pelo sacrifício da vida dela. O vampiro também é representado simbolicamente pelos morcegos, lobos e ratos, criaturas que, como ele, estão escondidas na noite e vivem do sangue de outras criaturas. É muito poético quando Nosferatu serve o jantar para Jonathan e os lobos uivam fora, na escuridão. Nesse momento Nosferatu comenta com intensa sensualidade “_ As crianças na noite estão fazendo sua música.”

Werner Herzog situa seu Nosferatu dentro do Self Individual e Cultural. Ao empreender sua viagem por mar para os Países Baixos, Nosferatu vem dentro de um caixão e traz consigo centenas de ratos em outros caixões. Esta é uma ligação simbólica e metafórica no Self Cultural entre o vampiro e a peste, que assolou a Europa na Idade Média. Ao filmar Lucy na praça central da cidade em meio aos ratos e um banquete, ele ali inclui o abraço entre um homem e um bode, sem dúvida representando o conagraçamento com o demônio. Esta cena, que precede a noite na qual Nosferatu finalmente encontrará Lucy, nos lembra uma espécie de **apocalipse da sociedade de consumo**, que acompanha o fim da civilização.

É como se Nosferatu representasse, no Self Cultural, uma grande fixação por violência e falta de amor, que necessitasse do sacrifício de uma alma delicada e pura. Como o Deus patriarcal necessitou Cristo, para salvar Nosferatu (o Demônio), seria necessário que Lucy entregasse sua própria vida. É isto o que acontecerá na cena final do filme. Lucy se entrega eroticamente e abraça Nosferatu num orgasmo fatal. Trata-se da conjunção messiânica de opostos entre a luz e a Sombra dentro da posição dialética de alteridade e da compaixão. Quando ele percebe a luz e quer fugir, Lucy o abraça de novo e, ao mordê-la outra vez, o galo canta, e o Sol raia, trazendo a morte do casal.

Como vítima sacrificial de corpo e alma, posto que Lucy se entrega voluntariamente, ela se transforma metaforicamente no Cristo, e o coito fatal, na crucificação. “Comam o meu corpo e bebam o meu sangue” é a mensagem simbólica da transubstanciação na Eucaristia.

Cada vez que o vampiro chupa o sangue de uma vítima, ele o faz dentro da fixação e da compulsão de repetição de uma função sacrificial defensiva que ataca para não se entregar e morrer. Assim, na lenda de Nosferatu, o Arquétipo da Vida e da Morte expressa na compulsão de repetição, a lenda do morto-vivo, que mata dentro da maldição de não poder morrer.

Afugentado pela hóstia (o sacrifício) e pela água benta (a salvação), Nosferatu (Jonathan) apresenta-se como o anti-Cristo. A cruxificação significa a entrega total do Ego para transformar o Self no paradigma da alteridade, que é a posição dialética da Consciência capaz de confrontar a Sombra, redimir suas fixações com a morte sacrificial e conduzir à salvação de nossa espécie, ameaçada de extinção pela morte ecológica, simbolizada pela peste.

Na última cena do filme, Jonathan, já agora como vampiro, cavalga na planície em direção ao horizonte sem fim. Herzog, com isso, possivelmente quer nos dizer que a salvação é uma possibilidade, mas que a compulsão de repetição do sadomasoquismo continuará nos acompanhando como a expressão da patologia da cultura de consumo e suas consequências.

Na 28ª, a próxima aula, continuaremos estudando a estagnação patriarcal que pode paralisar a individuação na quinta fase da vida e a busca da alteridade plena (6ª fase), que pode revelar o sentido profundo de cada processo de individuação e conduzi-lo à realização na sétima fase.

Peço que leiam os capítulos XI (Alteridade) e XIII (Teoria Arquetípica da História), da Psicologia Simbólica Junguiana.

Nosso tema será ilustrado pelo filme *Jesus de Nazaré*, de Franco Zeffirelli (1977).

Boa noite a todos e até lá.

Byington

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA

AS SETE FASES DA VIDA

1ª FASE: Intrauterina

Arquétipo Central
Arq. Patriarcal Ativo (Self Cultural)

2ª FASE: Primeira Infância (0 - 2 Anos)

Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Ativo (Self Familiar)

3ª FASE: Segunda Infância (2 - 12 Anos) - 1ª Metanoia

Arq. Matriarcal Passivo
Arq. Patriarcal Passivo
Arq. do Herói Passivo

4ª FASE: Adolescência (12 – 20 Anos) - 2ª Metanoia

Arq. Matriarcal Ativo Inicial
Arq. Patriarcal Ativo Inicial
Arq. Anima / Animus Passivos
Arq. do Herói Passivo
Arq. de Alteridade Passivo

5ª FASE: Adulta (21 - 40 Anos) - 3ª Metanoia

Arq. Matriarcal Ativo
Arq. Patriarcal Ativo
Arq. Alteridade (Anima e Animus) Ativos
Arquétipo do Herói Ativo

6ª FASE: Maturidade (41 – 60 Anos) - 4ª Metanoia

Arq. de Alteridade Ativo
Arq. Anima e Animus Ativos

Dom. Matriarcal ←  → Dom. Patriarcal

Arquétipo do Herói Ativo
Segunda Adolescência

7ª FASE: Terceira Idade (Acima dos 60 Anos) - 5ª Metanoia

Arquétipo da Totalidade
Desapego Existencial / Conjunção Cósmica

**O ARQUÉTIPO CENTRAL E O ARQUÉTIPO DA VIDA E DA MORTE
ESTÃO PRESENTES EM TODAS AS FASES**

PSICOLOGIA SIMBÓLICA JUNGUIANA
ESTRUTURA E DINÂMICA DO SELF
Processo de Elaboração Simbólica



